

O ENSINO DE LITERATURA EM CAMPINA GRANDE/PB: AVANÇOS E PERSPECTIVAS

Fábio Alves Prado de Barros Lima; Esley Porto.

Universidade Federal de Campina Grande – fabioapdbl@gmail.com; Universidade Estadual da Paraíba – esleyporto1@hotmail.com

Resumo: O ensino e a aprendizagem de Literatura vêm sendo, constantemente, discutido por profissionais das ciências da linguagem e da educação. É nítido que o ensino médio vem passando por mudanças consideráveis que são frutos dos avanços sociais e das novas perspectivas de visão de mundo dos alunos; a escola, como entidade viva e sensível a essas evoluções sociais, tem a função de moldar-se ao novo contexto educacional, proporcionando um ensino efetivo, crítico e que abarque, também, os interesses dos discentes. O objetivo do presente estudo é refletir sobre as novas ações pedagógicas para o ensino de leitura e letramento literário, em sala de aula de nível médio da cidade de Campina Grande/PB, buscando-se entender quais as alterações foram desencadeadas, nessa área de conhecimento, a partir das evoluções supracitadas, bem como o que dizem os documentos oficiais sobre a questão – tais como os Parâmetros Curriculares Nacionais da língua portuguesa e Projetos Político-Pedagógicos de determinadas escolas. A metodologia adotada abrange a pesquisa teórico-bibliográfica, assim como a pesquisa de campo, desenvolvida em instituições escolares de nível médio da referida cidade. Por fim, percebe-se que o levantamento de dados indica que há, progressivamente, a utilização de novas formas e suportes para o ensino literário, proporcionando, assim, práticas mais inovadoras do que as que eram utilizadas, tradicionalmente. Os professores e discentes, então, veem o ensino literário atual como mais acessível e útil, próximo de suas realidades culturais e sociais.

Palavras-chave: Ensino e aprendizagem de Literatura, Ciências da Linguagem, Ensino literário atual.

Introdução

Com o decorrer das décadas, tanto a literatura quanto o ensino literário passaram por diversas mudanças, as quais implicaram em transformações no meio artístico e no âmbito escolar. Esse lugar de ensino, por ser sensível aos acontecimentos externos, deveria contribuir para a construção de uma sociedade pronta para as metamorfoses sociais e para a realização de novas formas de arte, mas tal situação dificilmente ocorre.

Ademais, as decisões educacionais no Brasil fizeram com que alguns professores começassem a tomar rumos divergentes dos paradigmas tradicionais. Isso ocorreu, principalmente, após a consolidação dos Parâmetros Curriculares Nacionais e dos Projetos Político-Pedagógicos das escolas, os quais serviram como alicerce das instituições escolares como componentes universais brasileiros e, concomitantemente, com características idiossincráticas.

Pensando nisso, o trabalho em questão buscou analisar o modo de ensino da literatura no Ensino Médio brasileiro. Tomando como base os professores de escolas de Campina Grande/PB, fez-se uma entrevista com os docentes para saber como está a situação das escolas no que tange à aprendizagem da leitura literária atualmente, comparando as respostas com o que foi prescrito pelos PCN e pelos PPP das escolas onde os educadores trabalham.

Metodologia

Com o intuito de verificar o andamento do ensino de leitura literária na cidade de Campina Grande/PB, foram usadas a pesquisa teórico-bibliográfica e a pesquisa de campo.

A respeito da pesquisa teórico-bibliográfica, tiveram-se como base os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), os Projetos Político-Pedagógico das escolas onde os professores lecionam, Koch e Elias (2006), Cereja (2004), Tardif (2002), Freire (1996) e Todorov (2009). Esses estudos foram de vital importância para compreender como o professor e os ensinamentos de literatura estão voltados para a maior abertura artística e para a vivência dos alunos. Desse modo, ao recorrer às fontes citadas, o trabalho comparou os estudos acadêmicos contemporâneos e as decisões educacionais de amplitude nacional com as atitudes tomadas pelos professores em sala de aula.

A pesquisa de campo, por sua vez, foi realizada a partir de entrevistas feitas virtualmente com professores que atuam no Ensino Médio de escolas da cidade de Campina Grande/PB. O processo de envio das respostas durou entre 15 e 18 de junho de 2018. Os docentes tiveram de responder as seguintes perguntas que constam na tabela.

Como se dá o ensino da leitura literária na escola em que você trabalha?
A escola que você trabalha dá liberdade para ensinar literatura como queira ou utiliza uma metodologia universal para os professores?
Os alunos conseguem se envolver emotivamente com as aulas de leitura literária? Se sim, como isso é alcançado?
Você trabalha com livros paradidáticos? Se sim, quais?
Você considera o uso obrigatório de paradidáticos uma maneira eficaz para o ensino de leitura literária? Justifique.
Para você, qual o maior déficit no que tange ao ensino de leitura literária?

Qual a proposta de intervenção que você daria para melhorar a interação entre os alunos e os textos literários?

Você acredita que há um método não adotado pelas escolas capaz de ampliar os horizontes de expectativa dos alunos em relação aos textos literários? Se sim, qual?

Como os Parâmetros Nacionais Curriculares e os Projetos Político-Pedagógicos podem guiar no processo de ensino de literatura?

Resultados e Discussão

Para efeitos de exemplificação e de dinamismo, foram colocadas as respostas de dois professores. Esses resultados representam a opinião geral dos entrevistados e servem de base para a discussão proposta.

Ao serem perguntados acerca sobre como se dá o ensino de leitura literária na escola onde trabalham, os docentes responderam da seguinte forma:

“No Ensino Médio, totalmente focado para o ENEM, a leitura literária é bastante negligenciada, ficando à mercê do professor, o qual, orientado pelo Sistema de Ensino respectivo, faz leituras fragmentadas e muitas vezes distorcidas dos principais autores da historiografia literária brasileira.”

“Do ponto de vista da coordenação pedagógica, a leitura literária só ganha uma certa importância quando esta serve como base para algum evento da escola (sarau, por exemplo). Ao longo dos bimestres, nós, professores, temos que solicitar leituras para que se tenham, de fato, leituras literárias.”

Analisando as duas respostas, percebe-se que a leitura literária é vista de modo fragmentado e, em geral, esquecida. O ato de leitura, dessa forma, vai de encontro ao que é proposto por Koch e Elias (2006), as quais falam no modelo de interação autor-texto-leitor. O diálogo entre esses três componentes pode ocorrer quando há espaço para o total conhecimento do que foi escrito e do autor da obra. Contudo, por ocorrer de maneira pontual e fracionada, a leitura de textos literários torna-se comprometida e desestimula o comprometimento dos alunos em conhecer mais a respeito das obras literárias.

Sobre a liberdade para ensinar literatura, os professores responderam:

“No âmbito do Ensino Médio, em que trabalho,

“Em partes. O trabalho com a literatura africana e

os professores devem seguir a proposta literária traçada pelo Sistema de Ensino de cada série, o que, certamente, engessa o trabalho docente com o texto literário e sua leitura.”	afro-brasileira, por exemplo, ainda é visto com resistência – tanto por parte da escola quanto por parte dos pais (mesmo que se dialogue com outras disciplinas, como história e geografia).”
--	---

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), a área de Linguagens e Códigos é responsável por revelar aos estudantes as diferentes formas de expressão. Os Projetos Político-Pedagógicos das escolas desses entrevistados, por sua vez, reforçam a necessidade de haver uma conexão entre os tópicos trabalhados em sala e a realidade. Ora, num mundo de tamanha diversidade, os professores permanecem seguindo as regras da escola e são impedidos de mostrar a vastidão de obras literárias que tornariam a experiência do letramento literário dos alunos mais instigante.

Freire (1996) fala que ensinar é uma atitude que necessita de coragem e de aceitação do novo. Com isso, manter-se com leituras específicas e engessadas perpetua preconceitos e prejudica a leitura literária, pois o conhecimento do mundo e das diferentes formas de escrita é deixado de lado para agradar o padrão de ensino e de comportamentos prezados pelas instituições escolares e, principalmente, pelas famílias, o que se confirma com a resposta dada pelo segundo professor.

Acerca do envolvimento dos alunos de maneira emotiva nas aulas de leitura literária, os docentes afirmam:

“Não temos total liberdade para usarmos todas as possibilidades, mas conseguimos envolver os alunos. As aulas não são apenas de leitura, pois devemos seguir o cronograma da escola. No entanto, podemos relacionar a literatura a outros tipos de arte para o maior envolvimento do aluno.”	“Sim! Através de elementos motivacionais (músicas, fotografias, filmes, documentários, entrevistas, convidados sobre o tema que se está abordando a partir das obras) percebe-se que as alunas e os alunos se entregam e conseguem ‘encarar’, com mais exatidão às leituras propostas.”
--	---

Tardif (2002) concebe os saberes do docente como temporais, plurais, heterogêneos e sincréticos. Desse modo, o autor concorda com a ideia de Freire (1996) do professor como indivíduo em eterno processo de aprendizagem. Assim, considerando o inacabamento do sujeito e a necessidade de um sentido para o aprendizado, envolver os alunos é uma atividade que se transforma conforme as mudanças sociais e os educadores devem estar atentos a isso, podendo utilizar não somente elementos do cotidiano dos estudantes, como também propor atividades capazes de cativar os alunos no processo de ensino e aprendizagem da literatura.

Pensando mais a respeito da importância de motivar os alunos, Todorov (2009) fala do poder da literatura para a transformação do ser humano. Assim, o autor afirma que

[...] a literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente. Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo. Longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservada às pessoas educadas, ela permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano. (TODOROV, 2009, p. 24)

Na questão sobre os paradidáticos, os professores responderam da subseqüente forma:

“Não trabalho com paradidáticos.”	“Sim! Em minhas turmas de oitavo ano, optou-se pelas obras ‘O fio das missangas’, ‘Para gostar de ler – Poesia Brasileira’, ‘Quarto de Despejo – diário de uma favelada’ e ‘A morte e a morte de Quincas Berro d’Água’; nas de nono ano, ‘Meu livro de cordel’, ‘Para gostar de ler – Contos Africanos de Língua Portuguesa’, ‘O voo da guará vermelha’ e ‘Oitos
-----------------------------------	--

	<p>contos de amor’. Fora esses paradidáticos, há sempre a preocupação em se levar textos complementares, formando antologias e reuniões de outros textos para que se tenha, assim, a ampliação do horizonte de expectativas dos alunos.”</p>
--	--

Contudo, ao serem questionados se gostavam da obrigatoriedade do uso de paradidáticos, os docentes afirmaram:

<p>“Leitura, literária ou não, jamais deve ser obrigação. Leitura é prazer e, em nenhum momento, haverá prazer por obrigação.”</p>	<p>“Não. Limita-se, muitas vezes, o trabalho do professor diante das diferentes perspectivas observadas nas conduções das aulas. Outro fator preponderante é que nós, professores, não temos a liberdade de escolha dos paradidáticos. No meu caso, especificamente, há uma certa flexibilidade, pois posso escolher uma ou duas obras para se trabalhar em um ou dois bimestres.”</p>
--	--

A partir dessas afirmações, percebe-se que alguns professores seguem a norma da escola de não utilizar paradidáticos para se aproximar do Exame Nacional do Ensino Médio. Porém, há ainda aqueles que subvertem a obrigatoriedade dos paradidáticos e, por meio dos seus saberes experienciais, escolhem livros que podem estimular os alunos a conhecer a literatura extensamente.

A respeito dos principais déficits constatados pelos professores no que tange ao ensino de leitura literária, foram dadas estas respostas:

<p>“Acredito que os</p>	<p>“A formação básica dos</p>
-------------------------	-------------------------------

problemas de interpretação textual carregados do ensino fundamental são o maior déficit para a prática da leitura literária.”	alunos, o pouco contato com a leitura e, em partes, a própria formação dos professores (em alguns casos, não são leitores).”
---	--

Em geral, os professores concordaram que as dificuldades no ensino literário atual são advindas do Ensino Fundamental e do pouco aprofundamento das leituras dos alunos. Com isso, os textos fragmentados, que foram citados nas entrevistas, apenas continuam o ciclo problemático das metodologias adotadas pelas escolas e pelos professores, dificultando maiores interpretações dos textos e, por conseguinte, das múltiplas realidades do mundo.

Perguntados sobre a maneira de solucionar a situação de ensino e aprendizagem da literatura na contemporaneidade, os professores propuseram:

“Deixar de trabalhar o texto pelo texto e relacioná-lo com outros tipos de arte, assim como falar sobre as obras produzidas na contemporaneidade.”	“Seduzi-los com leituras que estejam ou façam parte de suas respectivas realidades, levar textos que possam contemplar, de modo prazeroso, o universo no qual estão inseridos.”
--	---

Pelas respostas, há um consenso de que aproximar-se da realidade do aluno e fazer com que a literatura funcione de modo interdisciplinar, conduta prezada pelos PCN, são essenciais para a melhoria da atual situação de ensino da leitura literária.

Conforme o pensamento de Cereja (2004), deve-se perceber que o texto é o foco da literatura, pois é o modo de expressão dessa arte. Contudo, como toda arte possui influências das transformações sociais e precisa ser pensada de maneira ampla, o trabalho do texto pelo texto não traz motivações para os alunos e permanece no conceito ultrapassado da leitura com foco no código abordado por Koch e Elias (2006), a qual não dá oportunidade para a reflexão do que foi escrito e para a interação autor-texto-leitor.

A respeito da existência de um método capaz de ampliar o horizonte de expectativas dos alunos, os professores deram as seguintes opiniões:

“Certamente. Antes de tudo, as escolas devem tornar as bibliotecas locais agradáveis, confortáveis, aconchegantes e com acervos sempre atrativos, o que, muitas vezes, não ocorre.”	“Sim! Não se adota, por exemplo, a autonomia do professor para escolher as obras e/ou os textos, bem como não ouvir, de fato, o que a aluna ou o aluno conseguiu enxergar. Há, de modo mais globalizante, um autoritarismo – no caso, em específico, já houve vários atritos por se trabalhar com obras/textos que não são considerados cânones ou por serem vistos de forma preconceituosa ou com certa restrição por conhecê-la com mais profundidade.”
---	---

Retratando tanto problemas estruturais quanto do autoritarismo hierárquico nas escolas, os docentes apontaram que as mudanças poderiam ocorrer em ambas as esferas. Assim, há a noção pelos profissionais da área da educação de que a problemática não se restringe a um fato isolado, sendo importante levar em consideração questões de ordem física e simbólica.

Por fim, quando os professores foram indagados acerca da influência dos Parâmetros Curriculares Nacionais e dos Projetos Político-Pedagógicos no ensino da leitura literária, as respostas foram deste modo:

“Caso os Parâmetros e os Projetos fossem seguidos conforme as suas elaborações, o ensino da literatura seria mais efetivo por estabelecer uma maior conexão entre os alunos, os textos e o professor.”	“Dando ao professor a formação adequada, continuada, incentivando-o a enxergar a importância da leitura para o processo de ensino-aprendizagem da aluna e do aluno.”
--	--

As respostas convergem para os apontamentos dos PCN e dos PPP serem positivos. Entretanto, sabe-se que, em geral, o respeito ao que foi estabelecido nesses projetos não é alcançado. Dessa forma, criações de amplitude

nacional (PCN) e local (PPP) funcionam para guiar a conduta dos professores no árduo processo de ensino-aprendizagem, mas precisa ser obedecido para que haja uma melhoria da condição da literatura no Ensino Médio.

Conclusão

Mediante as entrevistas realizadas com os docentes, pôde-se perceber o embate entre os preceitos dos Parâmetros Curriculares Nacionais e a realidade do ensino de leitura literária no Ensino Médio brasileiro. Embora não haja um cumprimento efetivo das normas, deve-se fazer com que as expectativas da literatura para os jovens não se percam diante das adversidades.

Ao pensar na realidade dos alunos e na literatura como forma de reinterpretação do mundo, o professor poderá mudar a situação da leitura literária nas escolas brasileiras e tornar a educação um estímulo para impulsionar os indivíduos a desenvolverem suas maiores capacidades e a conhecerem mais sobre si e sobre o mundo.

Referências

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CEREJA, William R. **Uma Proposta Dialógica de Ensino de Literatura no Ensino Médio**. 2004. 330f. Tese de Doutorado – Pontifícia Universidade Católica/SP, Brasil, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KOCH, Ingedore V. e ELIAS, Vanda M. **Ler e Compreender os Sentidos do Texto**. São Paulo: Contexto, 2006.

TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TODOROV, Tzvetan. **A Literatura em Perigo**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.